



História da Xilogravura



Unsplash - Natalia V.

- ✓ Origens do ato de gravar
- ✓ A expansão da técnica
- ✓ Xilogravura no Japão
- ✓ Xilogravura na contemporaneidade



Xilogravura de Käthe Kollwitz

“

A história da gravura está ligada, na sua origem, à história da escrita e do livro. O homem, desde seus primórdios, gravava imagens.

Anico Herskovits

”

Origens do ato de gravar

O ato de gravar a matéria, como vimos no curso de Introdução à Arte, acompanha o ser humano desde os seus primórdios. Nossos ancestrais já deixavam mensagens pictóricas gravadas nas pedras. Ao longo da história da civilização, foram encontradas gravações em rochas, placas de argila e, mais tarde, em pranchas de madeira.

Não podemos precisar quando foi exatamente que o ser humano se deu conta de que, tendo matrizes planas gravadas, seria possível estampar superfícies, multiplicando, assim, o conteú-

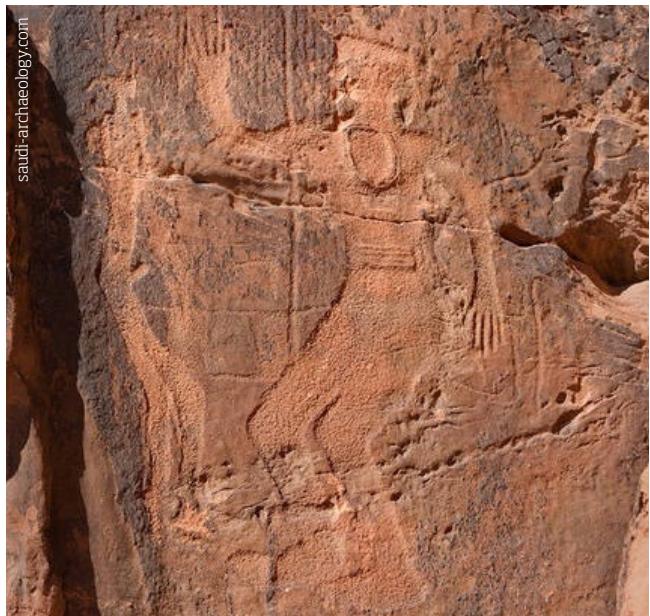
do gravado. Os indícios mais antigos de gravação de superfícies com carimbos são os selos cilíndricos encontrados na região da Mesopotâmia, há mais de 2 mil anos antes de Cristo.

Segundo consta, a xilogravura já era conhecida pelos egípcios, indianos e persas, que a usavam para estampar tecidos. Antes mesmo da Era Cristã, há relatos conhecidos sobre técnicas com carimbos de madeira aplicados à estamparia de tecidos. Nessa época, o papel ainda não tinha sido inventado na China.



VOCÊ SABIA?

O processo de fabricação do papel foi desenvolvido pelo chinês Ts'ai Lun em 105 d.C., para substituir a seda e as tiras de bambu, suportes usuais para a escrita na China da época.



Gravura rupestre em Jubbah, Arabia Saudita.



De cima para baixo: hieróglifos e figuras no Egito. Escrita cuneiforme da Mesopotâmia, o primeiro sistema de escrita da civilização. Selo cilíndrico da Primeira Dinastia de Ur da Rainha Puabi, e sua impressão sobre argila.



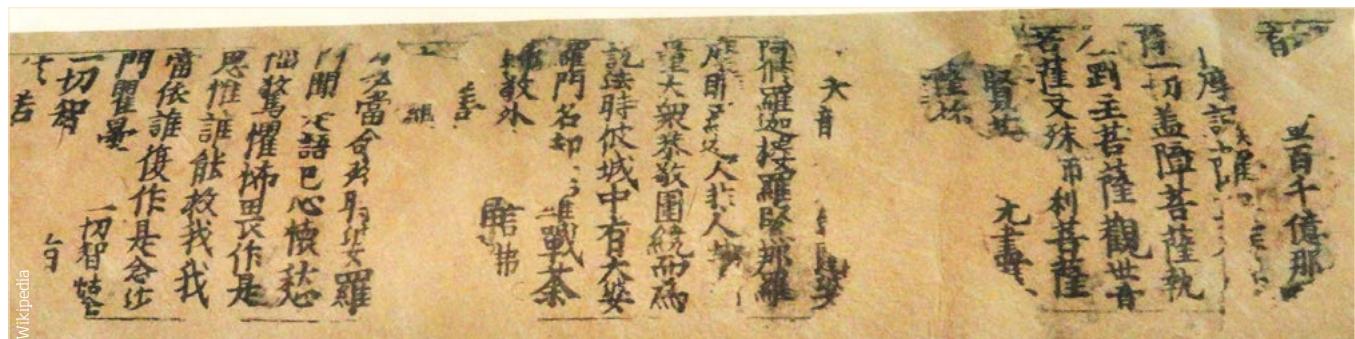
A primeira técnica de impressão com tinta foi a xilogravura. Entre os séculos V e VI, os chineses já utilizavam pranchas de madeira para gravar textos e imagens, realizando impressões tabulares sobre papel, ou seja, todo o conteúdo a ser impresso estava gravado em uma única tábua. Durante muito tempo, acreditou-se que os chineses também foram responsáveis pelo primeiro livro conhecido, chamado de Sutra do Diamante, impresso com matrizes xilográficas tabulares em 868 d.C.

Porém, pesquisadores encontraram outro livro de orações budistas chamado O Grande Dharani Sutra em uma velha construção coreana, cerca de 100 anos mais antigo que o Sutra do Diamante.

Aí começa a relação bastante profícua da xilogravura com a história da escrita e dos livros impressos, que persiste até os dias de hoje, ainda que em escala reduzida e artesanal.



Acima: detalhe do Sutra do Diamante. Abaixo: o Grande Dharani Sutra, escrito em ideogramas chineses, pois a Coréia só adquire escrita própria no século XV.



Wikipedia

Aí começa a relação bastante profícua da xilogravura com a história da escrita e dos livros impressos, que persiste até os dias de hoje, ainda que em escala reduzida e artesanal.

A expansão do papel

A fabricação do papel, mantida em segredo durante muito tempo pela China, só chegou à Europa pela ação dos muçulmanos que, por meio de conflitos com os chineses, conquistaram esse conhecimento.

Como vimos no curso de História da Arte, o papel foi introduzido na Europa através da Espanha, enquanto os muçulmanos estiveram instalados na Península Ibérica. Logo, fábricas de papel surgiram em vários países, suprindo um mercado animado com a novidade. A expansão do papel pelo mundo ocidental é um acontecimento chave para o desenvolvimento da xilogravura. Segundo consta, as primeiras matrizes xilográ-

ficas europeias, serviam para estampar tecidos, como nos primórdios do surgimento da técnica.

Com a expansão da fabricação do papel pela Europa e o trânsito de informações que as navegações, peregrinações e invasões proporcionaram, a xilogravura chegou ao Ocidente no final da Idade Média, sendo empregada em cartas de baralho e imagens sacras.

Começaria ali, no final do século XIV, uma grande revolução na difusão de imagens e textos, gerada pelo encontro do papel com a xilogravura! A partir de 1440, a Europa testemunhou um crescimento espantoso na produção de xilogravuras, que só iria crescer com o desenvolvimento da imprensa.



O vício e a virtude



1.



2.



3.

A tipografia

Até a popularização dos tipos móveis, texto e imagem eram gravados na mesma prancha de madeira para a impressão de páginas de livros, um grande avanço visto que, antes disso, eram escritos e ilustrados vagarosamente à mão, por monges copistas, como vimos no curso de Introdução à Arte. Você deve se lembrar das iluminuras feitas durante o período românico e gótico, não?

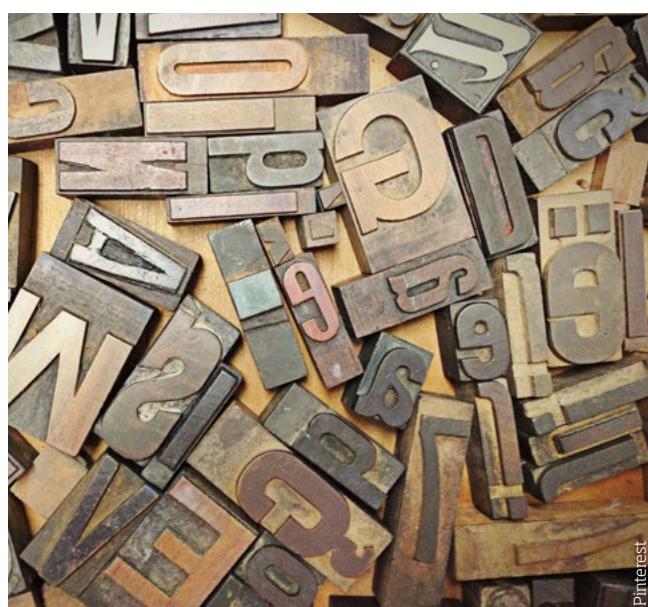
Os tipos móveis haviam sido desenvolvidos na China, experimentando vários materiais sem muito sucesso. A partir do ano de 1390, a Coréia foi bem sucedida ao fundir tipos de cobre. No entanto, a variedade de ideogramas chineses, adotados pela Coréia até o século XV, fez com que o empreendimento não fosse tão prático naquele momento.



Tipos móveis chineses gravados na madeira



Texto tabular e impressão tabular, o texto inteiro gravado na mesma matriz xilográfica.



Tipos móveis ocidentais em madeira.



Foi o ourives alemão Johannes Gutenberg que, por volta de 1450, criou uma nova liga metálica, fundiu tipos móveis com o alfabeto latino e inventou uma prensa inspirada nas prensas de vinho, o que agilizaria muito a impressão das páginas dos livros, agora compostas com tipos móveis. [Clique aqui](#) para ver como funcionava a prensa de Gutenberg.

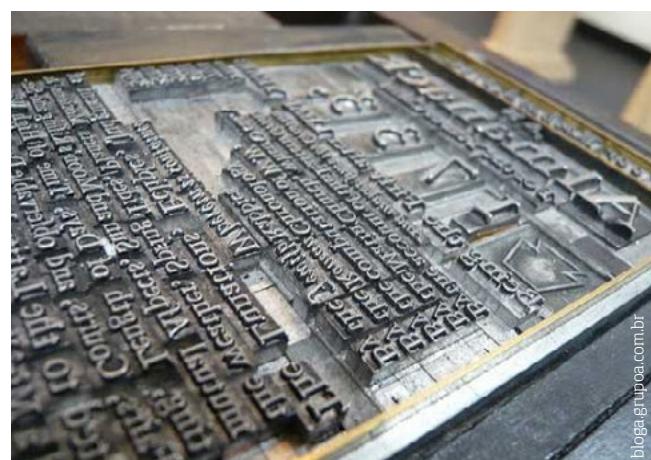
As xilogravuras começaram a ser usadas quase que exclusivamente para ilustrar os livros e multiplicar imagens soltas, como já acontecia com santinhos e cartas de baralho. A técnica continuava sendo ideal para ilustrar livros por ser gravada em relevo, coincidindo, assim, com a altura dos tipos móveis.

A difusão do conhecimento por meio do livro, com as publicações agilizadas e barateadas pelos tipos móveis e pela prensa, marcam a passagem da Idade Média para a Renascença.

As iluminuras, antes desenhadas e delicadamente pintadas a mão, agora eram cavadas na madeira, impressas no livro junto aos textos e, depois, pintadas grosseiramente a mão. Com o tempo, para baratear os custos de uma demanda cada vez maior por livros, as iluminuras deixaram de ser pintadas. A pintura manual das imagens passou a ser um luxo reservado apenas para edições especiais.



Tipógrafo compõndo texto.



blogagrupa.com.br

Montagem da composição com pinça e omposição tipográfica para ser impressa na prensa.



Página do livro Hortus Sanitatis, de 1491, impressa com xilogravura e pintada a mão.



O Renascimento e a xilogravura

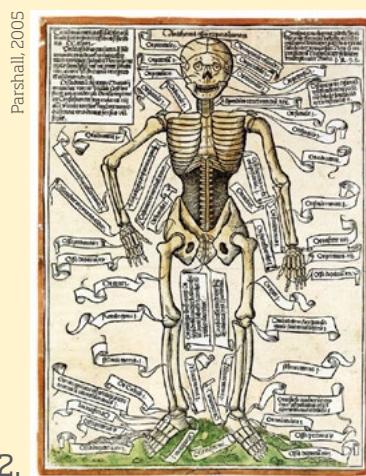
As primeiras imagens relacionadas à aplicação da xilogravura no ocidente, surgidas no fim da Idade Média, obedeciam ainda ao imaginário medieval que, mais simbólico do que realista, servia à compreensão de histórias religiosas por um público ainda analfabeto.

Com o surgimento do Renascimento, aos poucos a perspectiva geométrica e o conhecimento científico foram sendo incorporados à essas imagens, aumentando a complexidade do trabalho de talha e exigindo cada vez mais habilidade manual do gravador.

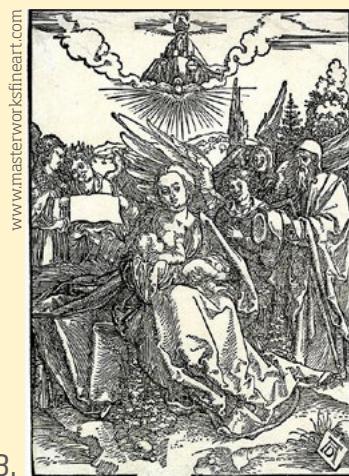
As figuras, antes só lineares para receber a iluminação por meio da pintura manual, vão ganhando hachuras que indicam ligeiramente as sombras e, mais tarde, tramas bem complexas que darão conta de sutilezas como meios tons, movimentos, volumes, espaços e anatomias bem construídas.



1.



2.



3.

1. *Cristo diante de Herodes*, c.1420-30. Xilogravura com traços medievais.
2. Esqueleto humano, 1493. A xilogravura começa a ficar um pouco mais detalhada.
3. *A sagrada família com cinco anjos*, de Albrecht Dürer, c. 1504, um ícone da xilogravura renascentista.

Inicia-se um processo de exploração da técnica, com a criação de xilogravuras em folhas soltas em cores, feitas para divulgar desenhos e pinturas de artistas, entre outras funções. A técnica consiste em usar uma matriz para cada cor, criando um registro para que a impressão final ficasse bem correta. Essas xilogravuras, muito populares na Itália, ficaram conhecidas por impressões chiaroscuro (claro-escuro). A tinta preta ou a mais escura, em geral, é a cor da matriz chave, a última a ser impressa no papel, unindo todas as outras cores. Um exemplo é a xilogravura da Madona com o menino, de Bartolommeo Coriolano (1640), ao lado.

Como veremos adiante, os japoneses atingiram um nível de excelência sem precedentes na técnica de xilogravura em cores!





Exemplo de matrizes gravadas para receber cores separadamente e imprimir uma única imagem colorida. Após a impressão da segunda cor da mesma matriz. O próximo passo, após a secagem dessa cor, é imprimir a matriz chave, com tinta preta.

Processo de fatura

A confecção e a impressão de uma matriz xilográfica não eram delegadas a uma só pessoa. Vários profissionais estavam envolvidos no processo.

Havia o artista que criava e fazia o desenho - ou copiava de modelos já consagrados, conforme a encomenda - e existia a figura do gravador, especialista que talhava na prancha de madeira o desenho feito pelo artista. A matriz gravada era entregue ao impressor, que cuidava da tiragem da imagem gravada. A distribuição dessa imagem não era atribuição do impressor, necessariamente. Poderia passar pelas mãos de um editor ou ser entregue diretamente àquele que encomendou o serviço, conforme acontece nas gráficas em dias atuais.



Duas xilogravuras do século XVI do suíço Jost Amman, mostrando o processo de gravação da matriz e a edição.



Xilogravura no Japão

Enquanto na Europa do século XVI a xilogravura perde uma parcela do público para a gravura em metal como técnica principal para a impressão de folhas soltas, no Japão, ela ganha um grande público.

No começo do século XVII, o líder guerreiro Tokugawa unificou e pacificou um Japão arrasado por cinco séculos de disputas, inaugurando um período de paz e prosperidade que durou por 275 anos, o chamado Período Edo. Todos os estrangeiros foram expulsos e o país permaneceu fechado durante esse período, num regime parecido com o feudalismo, mas já animado por um comércio urbano.

Os samurais, imitando a nobreza, cultivaram seu conhecimento, apreciando as artes e desenvolvendo, eles mesmos, diversas práticas artísticas como a dança, a poesia e a pintura. Sem conflitos, a educação e as diversas artes encontraram ambiente favorável para se desenvolverem.

Teatro, música, dança, entre outras artes que no ocidente consideraríamos apenas artesanato ou atividade funcional, ganham importância e são reverenciadas, impulsionando vários talentos.

A pintura, arte da elite, pouco acessível aos demais por seu alto valor, encontra um meio de se disseminar pelo grande público através da impressão xilográfica. Como técnica de reprodução, a xilogravura promoveu um barateamento do acesso às imagens do "mundo flutuante", muito em voga naquele período. O mundo flutuante é o mundo cotidiano, dos prazeres imediatos, da consciência da transitoriedade da vida. A xilogravura japonesa, portanto, é conhecida por sua temática relacionada à celebração dos prazeres efêmeros. Por isso, o nome dessa arte, como é conhecida por lá, também está relacionado ao tema: Ukiyo-e, significa "pintura" (e) do "mundo flutuante" (Ukiyo).

Sim, os japoneses consideravam as impressões xilográficas, pinturas também! Talvez, a própria maneira de fazer as xilogravuras no Japão tenha

Unsplash - Library of Congress



Xilogravura com desenho de Yshikawa Toyonobu, 1859.

induzido à essa ideia, visto que o processo japonês é bastante diferente do ocidental. Entintadas com pinceis, usando tintas à base de água ao invés de óleo, as impressões têm uma aparência mais suave. Os japoneses usam e abusam dessa qualidade, reforçando degradês aguados nas estampas.

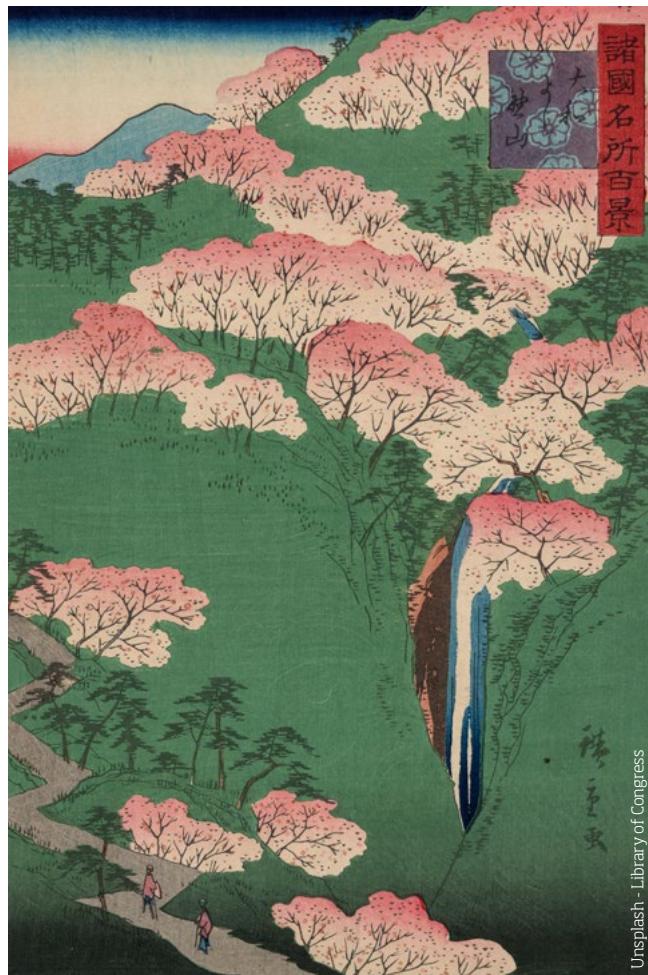




ANOTE AÍ

Como no ocidente, a xilogravura japonesa era uma arte que passava pelas mãos de vários especialistas até chegar ao seu público: o desenhista, o gravador, o impressor e o editor.

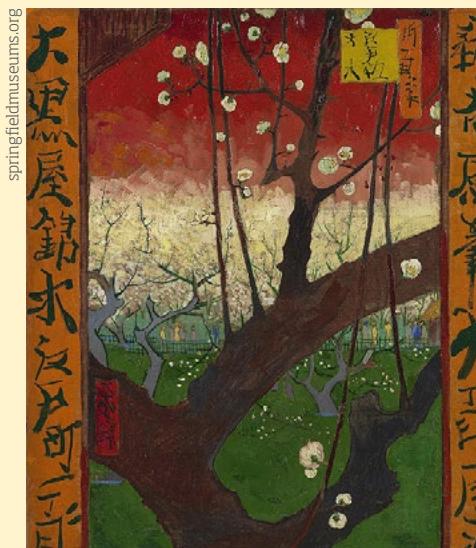
O sistema de impressão em cores começou a ser utilizado em 1740, criado por um impressor. Com o aperfeiçoamento desse sistema, as estampas produzidas poderiam ter mais de 20 cores diferentes, o que demonstra uma excelente solução de registro, como vemos no vídeo. O impressor coloca o papel sempre no lugar correto, com precisão, para agregar mais uma cor à impressão, até o fechamento com a matriz chave, em geral, preta. [Clique aqui](#) para conferir como era o trabalho de um impressor de xilogravuras no Japão. Com a abertura dos portos japoneses para o comércio com países estrangeiros após 275 anos de confinamento, no século XIX, o mundo pôde



Unsplash - Library of Congress

Xilogravura com desenho de Utagawa Hiroshige, 1859.

conhecer e apreciar as artes japonesas, entre elas, as Ukiyo-e. Essas xilogravuras causaram verdadeiro alvoroço entre os modernistas europeus, influenciando a produção de grandes artistas como Claude Monet, Vincent Van Gogh, Degas, entre outros.



Japonismo na Europa

À esquerda: xilogravura de Utagawa Hiroshige.

À direita: pintura de Vincent Van Gogh inspirada na gravura de Hiroshige.



Xilogravura de topo

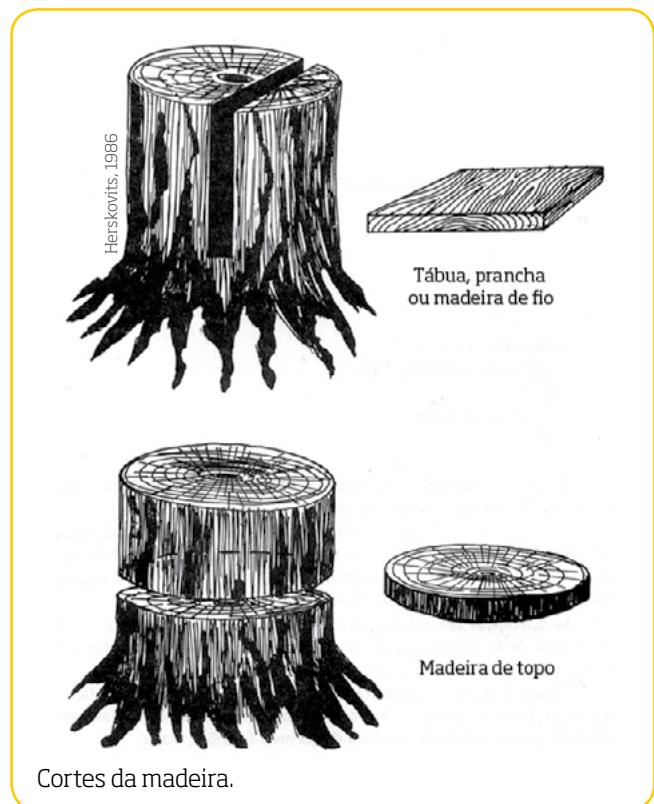
Em meados do século XVI, a produção de gravura em metal na Europa, cujas técnicas permitem mais riqueza de detalhes, superou a produção de matrizes xilográficas feitas para imprimir folhas soltas.

A gravura em madeira, mais barata, permaneceu suprindo as necessidades de divulgação de imagens nas camadas populares da sociedade, mas também da ilustração de livros, visto que era a única técnica compatível com a altura da composição tipográfica ao ser impressa junto ao texto. As gravuras em metal, além de encarecerem as publicações, não podiam ser impressas junto aos textos, pois o processo de impressão é inverso.

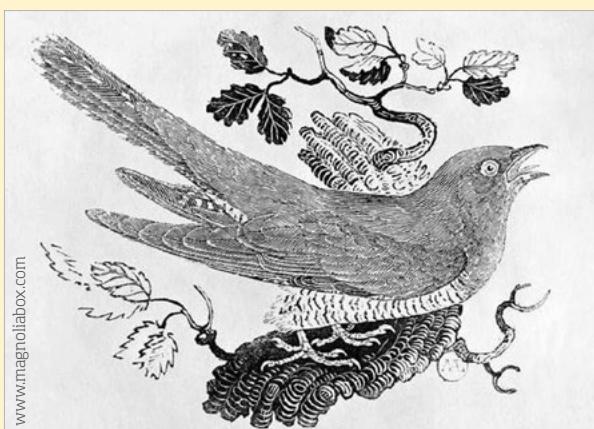
Em busca de uma solução que conjugasse o preciosismo da gravura em metal e a vantagem da xilogravura na tipografia, um inglês chamado Thomas Bewick desenvolveu uma maneira de utilizar as ferramentas precisas da gravura em metal na madeira, usando a madeira de topo, como vimos no fascículo anterior.

Até então, o corte de madeira utilizado correntemente pelos gravadores era a tábua, extraída

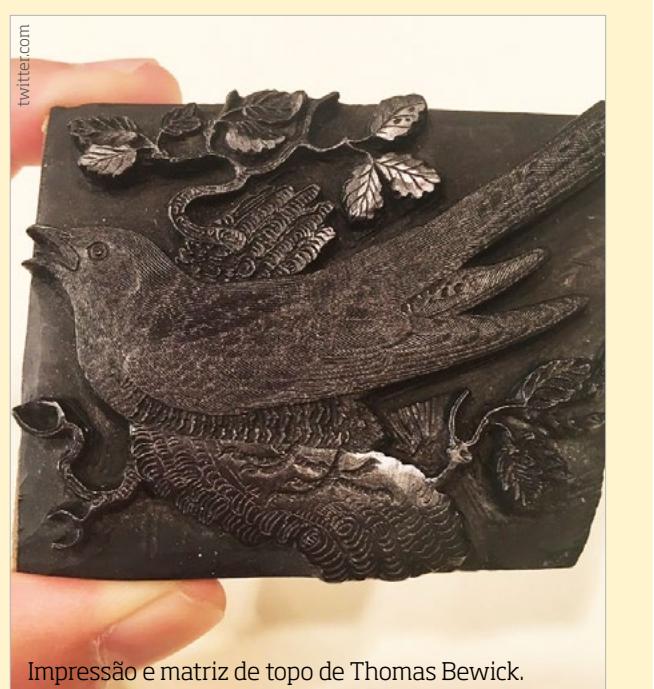
da secção longitudinal do tronco da árvore, perpendicular à raiz, ao que se dá o nome de madeira de fio. As ferramentas mais delicadas têm dificuldade de correr contra os veios da madeira de fio, produzindo lascas que afetam o desenho.



Bewick teve a ideia de usar o corte transversal do tronco, o topo, anulando, dessa forma, a resistência dos veios da madeira para a incisão da ferramenta, pois os veios estão todos em pé e oferecem a mesma resistência para qualquer lado que a ferramenta corra.



www.magnoliabox.com



Fascículo 2

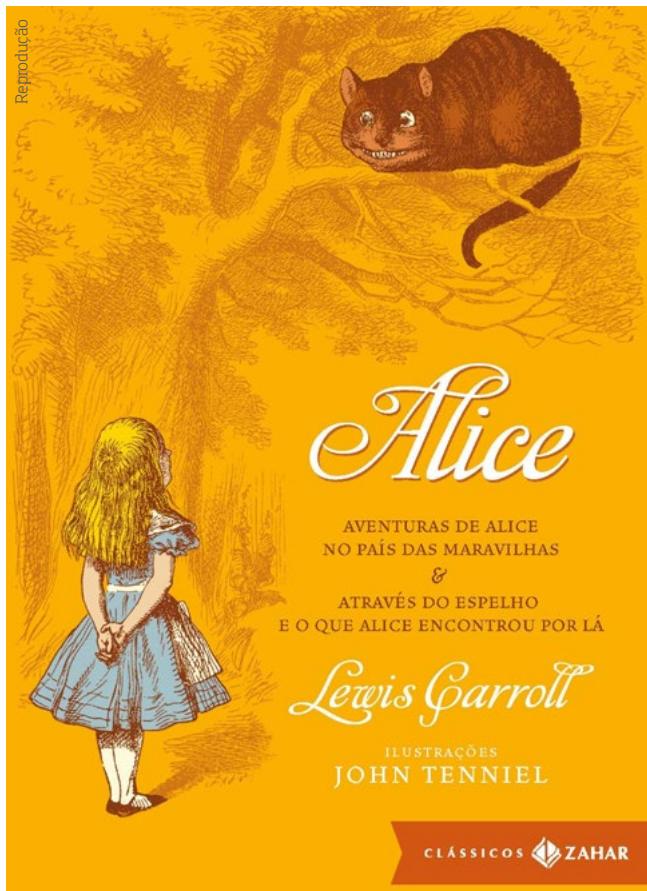
A descoberta possibilitou a talha de desenhos bem delicados e uma boa vida útil à matriz. Desse forma, a xilogravura resgatou seu vigor, sendo empregada por diversos artistas talentosos, que ilustraram grandes obras da literatura como "O inferno", de Dante Alighieri. Na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, há uma edição ilustrada dessa obra literária com xilogravuras de topo do artista e cartunista francês Gustave Doré, que você pode acessar [clicando aqui](#).

As ilustrações originais de John Tenniel para o livro Alice no País das Maravilhas, encontradas na edição disponível no acervo IBS, foram feitas inicialmente na técnica da xilogravura de topo, cujos resultados de impressão eram primorosos.



news.justcollecting.com

No entanto, Lewis Carroll, autor do livro, preferiu preservar as matrizes originais em madeira, encomendando clichês de metal feitos a partir dos blocos originais, num processo chamado eletró-tipo, que daria origem a matrizes metálicas mais resistentes para a impressão em larga escala.



À esquerda: uma das matrizes de madeira de topo original gravadas pelos Irmãos Dalziel, com desenho de John Tenniel, para Alice no País das Maravilhas. À direita: capa da edição conta com os desenhos originais de John Tenniel, disponível no acervo IBS.

A xilogravura e o modernismo

No final do século XIX, muitos artistas de vanguarda redescobriram as técnicas xilográficas, tanto a de topo como a de fio, e as resgataram como meio de expressão autônomo, abrindo mão de sua finalidade utilitária. Alguns deles optaram por produzir obras únicas, desprezando uma das principais características da xilogravura: a reprodução.

Uma das grandes inspirações dessa época foram as gravuras japonesas em cores que, junto a outros produtos japoneses, impactaram fortemente o público europeu, gerando uma moda oriental a qual chamamos de "japonismo".



Xilogravura do francês Félix Vallotton (1865-1925)



Os artistas expressionistas, principalmente, viram na xilogravura um resgate da tradição medieval artesanal, contemplando a técnica em oposição ao mundo industrializado e automatizado em crescimento exponencial, o qual criticavam.

O trabalho de talha não era mais delegado à um gravador especialista, os artistas passaram a cortar diretamente suas próprias matrizes, deixando ali sua força gestual e expressiva.

O artista norueguês Edward Munch, por exemplo, fazia questão de preservar na estampa o desenho dos veios da madeira em suas xilogravuras em cores. Cada bloco de cor era cortado da matriz e entintado separadamente para depois serem unidos na impressão, como um quebra-cabeça.



www.tate.org.uk

As pessoas, xilogravura da alemã Käthe Kollwitz.



www.metmuseum.org

A xilogravura intitulada "O beijo", de Edward Munch, mostra, com bastante clareza, como o artista aproveitava o desenho da própria madeira na impressão, na qual foram usadas duas matrizes distintas. O fundo, cinza, e o casal, em preto, impresso sobre o cinza já seco. Aqui, vemos duas versões dela.



www.metroframe.com



www.moma.org

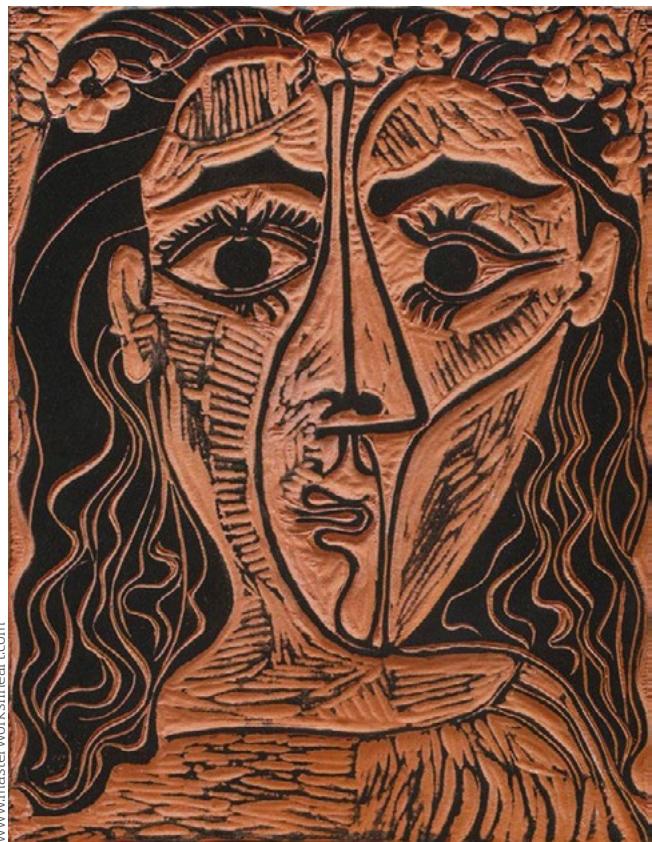
À esquerda: Retrato de um homem, de Erich Heckel, 1919. À direita: Cristo e a adúltera, de Karl Schmidt-Rottluff.



Fascículo 2



www.catalystsmmedia.org.uk



Duas obras de Picasso: acima e ao lado, *Natureza-morta sob a lâmpada*, linóleo em quatro cores. Acima, matriz em linóleo.

Xilogravura no Brasil

No Brasil, a xilogravura chegou com a mudança da Família Real portuguesa para o Rio de Janeiro. Consta que a instalação de oficinas tipográficas era proibida nas colônias portuguesas até então e que alguns impressores que desafiaram a proibição, tiveram suas prensas e máquinas confiscadas pela Coroa Portuguesa quando descobertos.

Portanto, os primeiros xilogravadores apareceram depois de 1808 e se fixaram principalmente nas capitais, onde havia maior demanda por cartas de baralho, ilustrações para anúncios, livros, tecidos, periódicos, rótulos, ou seja, por trabalhos de arte aplicada.

A tradição utilitária da xilogravura, junto à tipografia, no meio popular, permaneceu até surgirem técnicas mais econômicas de impressão, como o offset, no início do século XX.

No Nordeste brasileiro, a xilogravura foi a técnica que serviu e ainda serve à arte das capas dos cordéis, como veremos mais detidamente no fascículo 4, *Cordel na Escola*.



Anúncios de gravadores publicados em jornais do Rio de Janeiro entre 1843 e 1845.

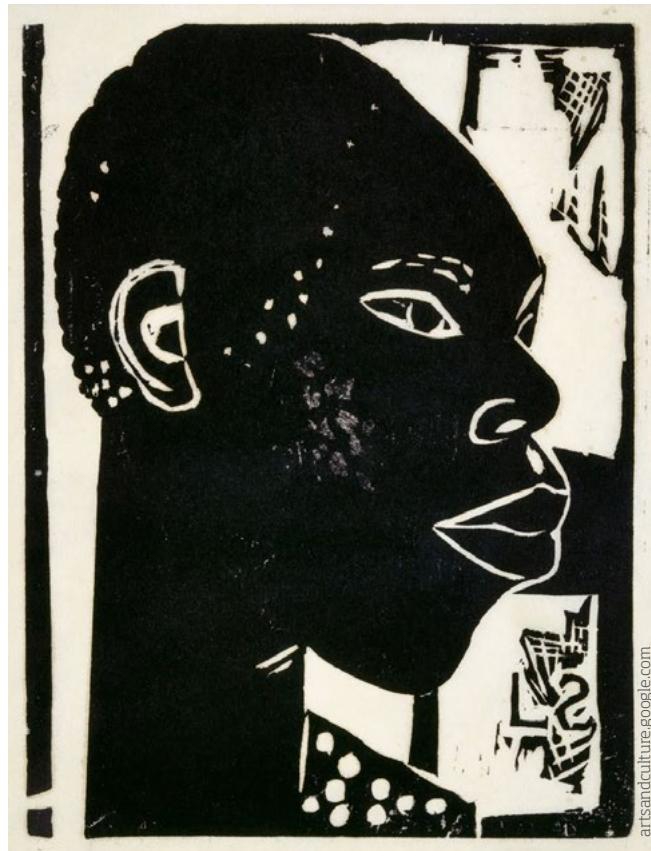


Os modernistas brasileiros e a xilogravura

Os artistas modernistas do início do século XX são quem vão alçar a xilogravura ao contexto artístico. Os artistas brasileiros inspiraram-se nos movimentos europeus de vanguarda e se interessaram pela técnica como meio de expressão.

Foi um artista expressionista estrangeiro, o judeu lituano Lasar Segall (1889-1957), quem influenciou os primeiros modernistas no uso da xilogravura artística no Brasil. Sendo membro do Grupo Secession de Dresden quando ainda vivia na Alemanha, Segall incorporou a técnica à sua poética expressionista. Como vimos no fascículo 4 de Introdução à Arte, Lasar Segall expôs seus trabalhos em Campinas e em São Paulo em 1913 e, mais tarde, em 1924, mudou-se definitivamente para o país.

Lívio Abramo (1903-1993) foi um dos artistas brasileiros impactados pela força da gravura de Segall. Desenvolveu seu trabalho de forma au-



Cabeça de negro, de Lasar Segall, 1929.

todidata, observando, também, outros artistas como um dos mestres da xilogravura brasileira, Osvaldo Goeldi (1895-1961).



artsandculture.google.com

Acima: xilogravura de Lívio Abramo. Abaixo: duas xilogravuras de Osvaldo Goeldi.



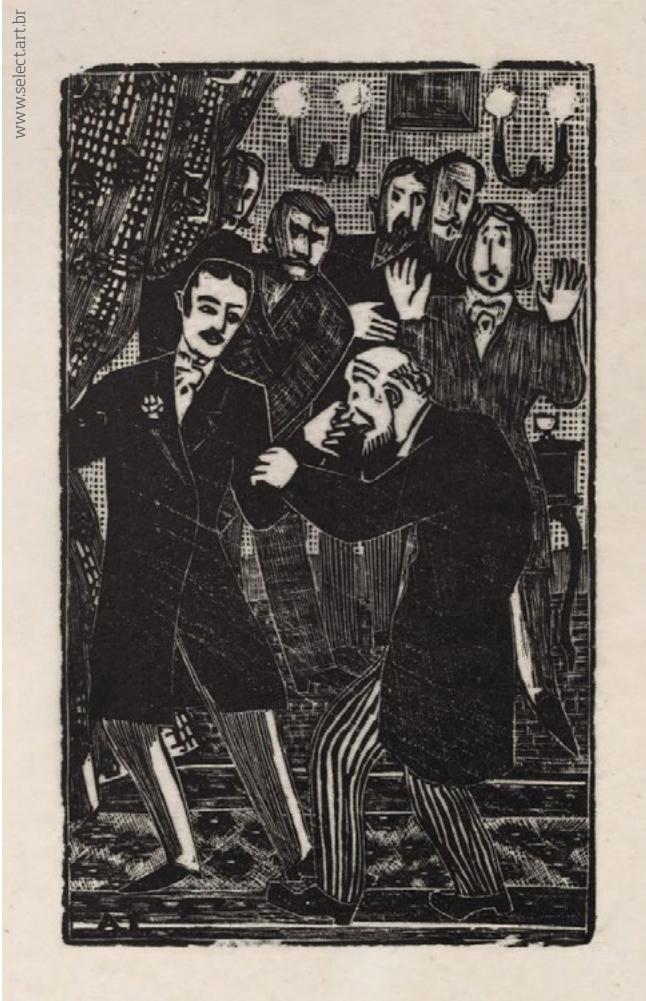
Axl von Leskoschek (1889-1976) foi outro estrangeiro em terras brasileiras que influenciou profundamente o cenário da xilogravura nacional a partir do fim da década de 1930. Desenvolveu intensa atividade como ilustrador e, como professor, formou uma geração de novos artistas como Renina Katz, Maria Bonomi e Gilvan Samico.



Acima: xilogravura de Renina Katz (1925).

Abaixo: A ponte, de Maria Bonomi (1935).

Ao lado: uma das xilogravuras de Axl Leskoschek, feita para a edição brasileira de *Os demônios*, de Dostoiévski.



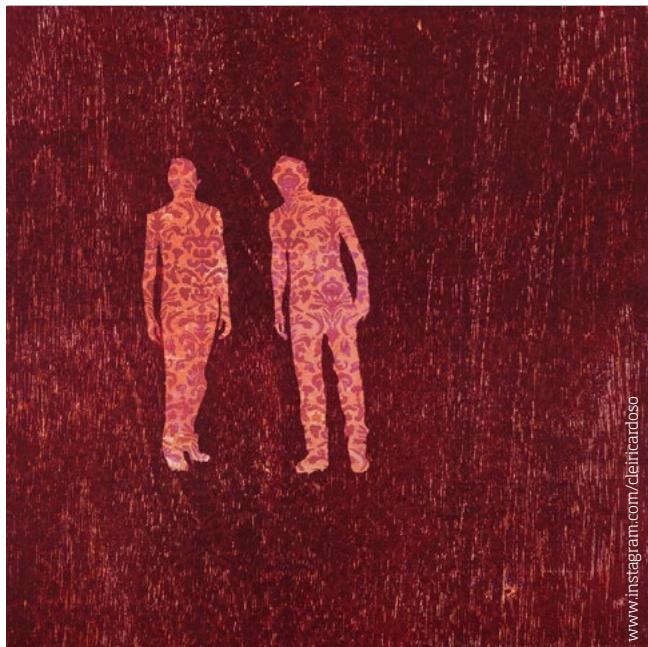
www.mariabonomi.com.br



Fascículo 2

Xilogravura contemporânea

A xilogravura ainda sobrevive como linguagem artística em núcleos espalhados pelo Brasil, seja dentro de universidades ou em ateliês públicos e privados. Nesses ambientes, a técnica ainda é cultivada na sua forma mais tradicional, dialogando mais ou menos com linguagens atuais, algo amplamente permitido e até mesmo incentivado na arte contemporânea.

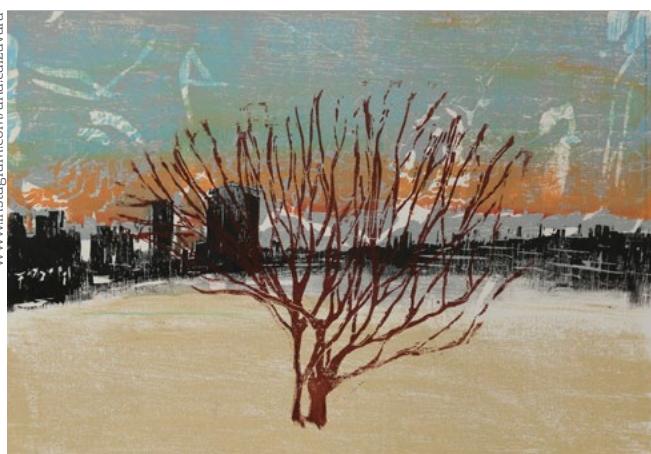


www.instagram.com/cleinicardoso



www.instagram.com/augustosampaio62

Acima: painel com xilogravuras de Augusto Sampaio.
Abaixo: xilogravura de Ana Calzavara.



www.instagram.com/ana.calzavara

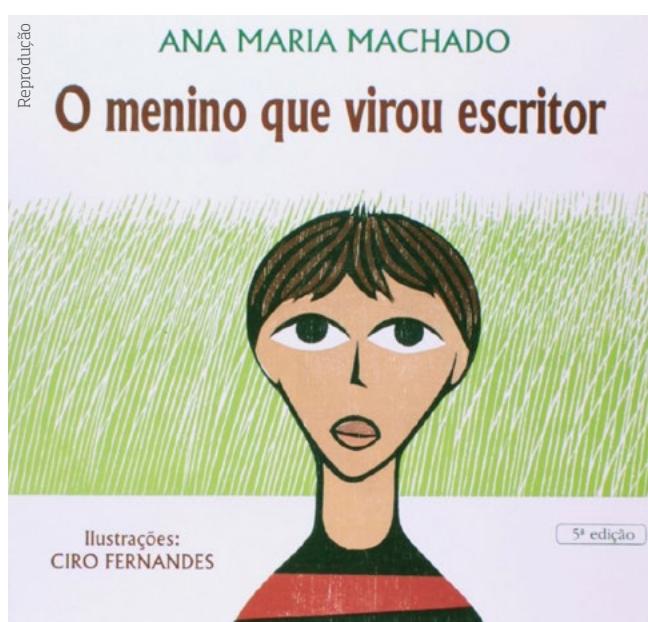
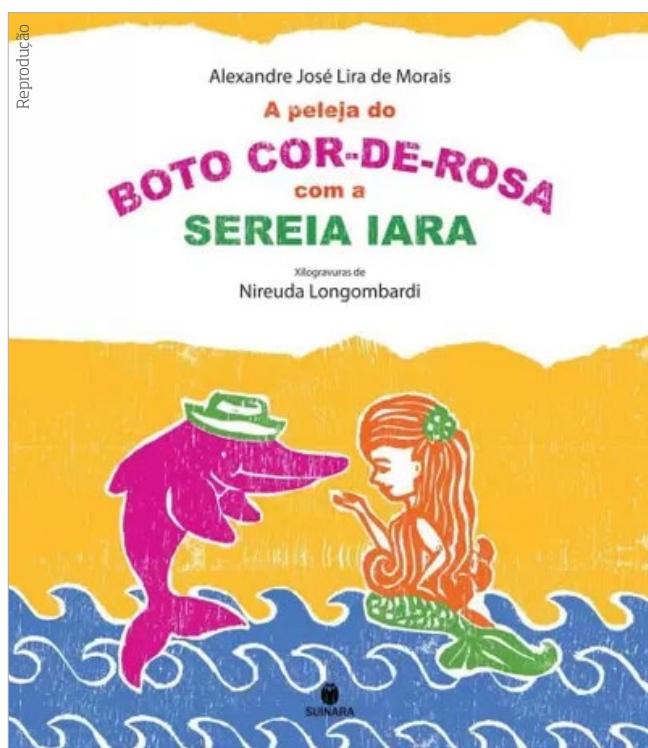
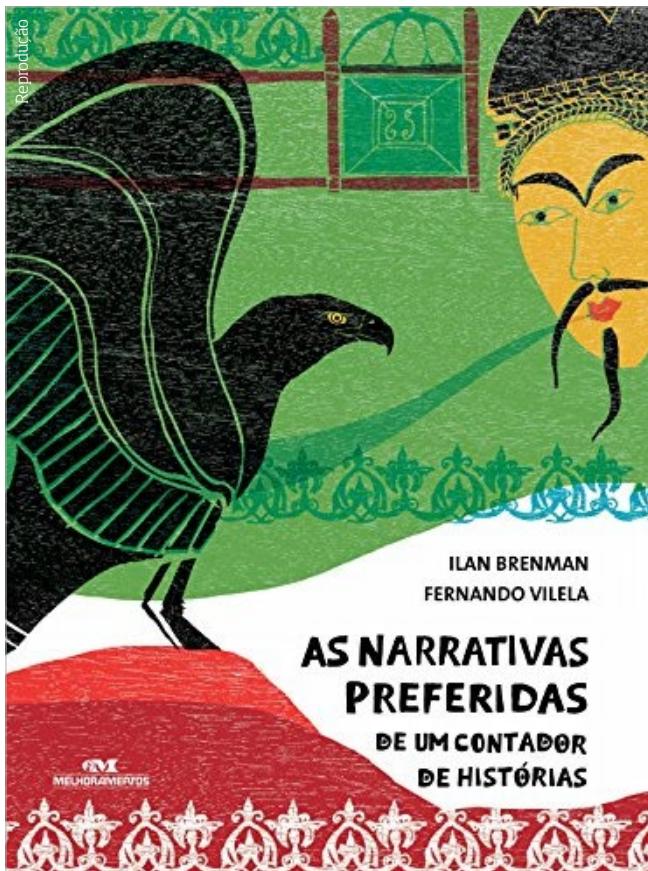
Acima: xilogravura de Cleiri Cardoso. Abaixo: xilogravura de Diego Sann.



www.instagram.com/diegosann.art



As editoras e os artistas contemporâneos têm resgatado uma antiga função da xilogravura: a ilustração de livros. Fernando Vilela é um desses artistas que, além de desenvolver um trabalho autoral, coloca sua arte a serviço da ilustração de livros. No acervo IBS, temos um exemplo de seu trabalho na coletânea “Narrativas preferidas de um contador de histórias”, de Ilan Brenman. Além dele, muitos outros artistas dedicam-se à essa prática, desenvolvida paralelamente à poética pessoal.



Museu Casa da Xilogravura

Na pequena cidade montanhosa de Campos do Jordão, no Estado de São Paulo, existe um museu particular totalmente dedicado à técnica da xilogravura, o Museu Casa da Xilogravura.

[Clique aqui](#) para conhecer um pouco desse museu, apresentado nessa reportagem por seu idealizador, o professor Antonio Costella.



Denis Carvalho



Referências bibliográficas

ESCRITA da memória, A: interpretações e análises documentais. Organização: Leandro Karnal e José Alves de Freitas Neto. São Paulo: Instituto Cultural Banco Santos, 2004.

HERSKOVITS, Anico. *Xilogravura: arte e técnica*. Porto Alegre: Tchê! Editora, 1986.

MESTRINER, Fabio. *4 pequenas histórias que juntas mudaram o mundo*. São Paulo: M.Books do Brasil Editora, 2014.

PARSHALL, Peter; SCHOCH, Rainer. *Origins of European printmaking*. New Haven, Yale University Press; Washington: National Gallery of Art, 2005. Catálogo.



Referências na internet

CHINA, Ts'ai Lun e a invenção do papel. Disponível em: <www.melhoramentos.com.br/v2/china-ts%80%99ai-lun-e-a-invencao-do-papel-por-ibema-papelcartao> . Acesso em: 17/01/2021.

CHINESE, invention: world's first known movable type printing. Message to eagle. Disponível em: <www.messagestoeagle.com/chinese-invention-worlds-first-known-movable-type-printing> . Acesso em: 25/03/2021.

KISER, Barbara. *The making of Alice*. Disponível em: <<http://blogs.nature.com/aviewfromthebridge/2015/11/19/the-making-of-alice/>> . Acesso em: 19/01/2021.

MUSEU Lasar Segall. Dados biográficos. Disponível em: <www.mls.gov.br/lasar-segall/biografia> . Acesso em: 20/01/2021.

STEVENS, Bethan. *Alice in Wonderland's engravings: a forgotten story in pictures*. Disponível em: <www.theguardian.com/books/gallery/2016/nov/26/alice-in-wonderlands-engravings-a-forgotten-story-dalziel-brothers-in-pictures> . Acesso em: 19/01/2021.

UNSPLASH. Beautiful Free Images & Pictures. Disponível em: <<https://unsplash.com/>> .

WIKIPEDIA. A enciclopédia livre. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/>> .

WOODBLOCK printing on textiles. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Woodblock_printing_on_textiles#Origins> . Acesso em: 17/01/2021.

Agradecimentos

Carmélia Menezes

Diogo Salles

Luciano Orura Buralli

Rociana Barreto

Taciane Motta Marconato

Zenaide Campos Farias



Conteúdo protegido - Proibida a reprodução sem créditos ao Instituto Brasil Solidário
para fotos ou contextos de projetos apresentados

